

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 2, Dez. 2012

## DIRETRIZES BAKHTINIANAS PARA O MÉTODO SOCIOLÓGICO EM CIÊNCIAS HUMANAS



## BAKHTINIAN GUIDELINES FOR THE SOCIOLOGICAL METHOD IN HUMAN SCIENCES

Eliete Correia dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

Maria de Fátima Almeida  
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS  
RECEBIDO EM 10/11/2012 • APROVADO EM 09/12/2012

---

### Abstract

---

In linguistic researches, the discourse of others is very current and there is a variety of objects, questionings and theoretical approaches within the linguistic literature under various names: quoted discourse, shown and constitutive heterogeneity, interdiscourse, polyphony, manifest and constitutive intertextuality, shown and constitutive dialogism. The present study consists of a reflection about possible

relationships between linguistic and discursive objects for the human sciences, based on investigations realized in *Marxism and the Philosophy of Language*, especially in the third part "Toward a history of forms of enunciation in language constructions: study in the application of the sociological method to problems of syntax" in which Bakhtin/Volochínov (2009) outlines a sociological orientation in linguistics, to investigate the phenomenon of transmission of the word of others, delimiting as a frontier the social phenomenon of verbal interaction as a whole, realized through the enunciations. This understanding is necessary to observe that the object of human sciences exists independent of the researcher, before and after him; the object of study is the discourse itself, in its various phases, of construction, of gathering or transmission.

---

## Resumo

---

Nas pesquisas linguísticas, o discurso de outrem é bastante atual e há uma variedade de objetos, de questionamentos e de abordagens teóricas dentro da literatura linguística sob diversos nomes: discurso citado, heterogeneidade mostrada e constitutiva, interdiscurso, polifonia, intertextualidade manifesta e a intertextualidade constitutiva, dialogismo mostrado e constitutivo. O presente estudo consiste em uma reflexão acerca de relações possíveis entre os objetos linguístico e discursivo para as Ciências Humanas, a partir de investigações feitas na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, em especial a terceira parte "Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas: tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos" em que Bakhtin/ Volochínov (2009) esboça uma orientação sociológica em linguística, para tratar o fenômeno de transmissão da palavra de outrem, delimitando como fronteira o fenômeno social da interação verbal em seu todo, realizada por meio das enunciações. Essa compreensão é necessária para entender que o objeto das ciências humanas existe independente do pesquisador, antes e depois dele; o objeto de estudo é o próprio discurso, em suas variadas fases, seja de construção, de recolhimento ou de transmissão.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Método sociológico. Ciências humanas. Discurso de outrem.

**KEYWORDS:** Sociological method. Human sciences. Discourse of others.

## Introdução

No movimento de interação social, os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos (e não da língua, isto é, já ideologizadas), as quais ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as réplicas ao dizer do outro, que por sua vez vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante. A noção de interação verbal via discurso é gerada pelo efeito de sentidos originado pela sequência verbal, pela situação, pelo contexto histórico social, pelas condições de produção e também pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Ou seja, além dos aspectos linguísticos as condições de produção do discurso são definitivas para compô-lo; e isso não se aplica somente à interação verbal face a face, mas adentra o discurso romanesco. Nesse sentido para Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, a comunicação é concebida como um processo interativo, muito mais amplo do que a mera transmissão de informações, já que a linguagem é interação social. O sujeito, ao falar ou escrever, deixa em seu texto marcas profundas de sua sociedade, seu núcleo familiar, suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social.

Esse artigo consiste em uma reflexão acerca de relações possíveis entre os objetos linguístico e discursivo para as Ciências Humanas, a partir de investigações feitas na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, em especial a terceira parte “Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas: tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos em que Bakhtin/Volochínov (2009) esboça uma orientação sociológica em linguística, para tratar o fenômeno de transmissão da palavra de outrem, delimitando como fronteira o fenômeno social da interação verbal em seu todo, realizada por meio das enunciações. Essa compreensão é necessária para entender que o objeto das ciências humanas existe independente de mim, antes e depois de mim, ele é o próprio discurso, em suas variadas fases, seja de construção, de recolhimento ou de transmissão.

## 1 O discurso de outrem em várias versões

A terceira parte da obra **Marxismo e Filosofia da Linguagem** trata de uma reflexão sobre a história das formas da enunciação nas construções sintáticas em que os autores buscam elaborar uma tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos, já que as questões acerca da sintaxe eram tratadas da mesma maneira que os fenômenos morfológicos por meio de princípios e métodos tradicionais da linguística, em especial os do objetivismo abstrato.

Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009) considera que as construções sintáticas são de enorme relevância para se compreender a língua e seu processo de

evolução, pois, dentre as formas linguísticas (fonéticas, morfológicas e sintáticas), as sintáticas são as que mais se aproximam da enunciação, isto é, das condições reais da fala. Assim sendo, esse autor acentua que o estudo da sintaxe só é viável no bojo de uma teoria da enunciação e a elucidação dos problemas mais elementares da sintaxe só é possível também sobre a base da comunicação verbal.

Entre os problemas sintáticos, o autor especifica o discurso citado (discurso direto, indireto e indireto livre), as modificações desses esquemas e as variantes dessas modificações que encontram na língua como um fenômeno “nodal” e produtivo, pois a composição desse fenômeno serve para a transmissão das enunciações de outrem e para a integração dessas enunciações, enquanto enunciações de outrem, num contexto monológico coerente. Segundo Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p. 150), o discurso citado “é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. Mesmo que a citação seja tema em relação ao que se enuncia, no discurso citado, integra-se à sintaxe do discurso que cita.

Assim, o tema penetra no discurso conservando as suas características estruturais e semânticas, assim como aquelas do discurso que o absorve. A autonomia, ou o caráter autônomo do discurso de outrem se relaciona ao fato de o discurso citado ter o conteúdo conservado, assim como sua “integridade linguística” e sua “autonomia estrutural primitiva” ([1929] 2009, p. 150-151).

O autor ressalta que, nas línguas modernas, o discurso indireto, em particular o discurso indireto livre apresenta uma tendência de transferir a enunciação citada do domínio da construção linguística ao plano temático, de conteúdo, embora a diluição da palavra citada no contexto narrativo não se efetua completamente, pois o conteúdo semântico e a estrutura da enunciação citada permanecem relativamente estáveis. Assim nas formas de transmissão do discurso de outrem, “uma relação ativa de uma enunciação a outra, e isso não no plano temático, mas através de construções estáveis da própria língua.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p. 151).

Desse modo, esse pensador enfatiza que esse fenômeno “da reação da palavra à palavra” ([1929] 2009, p. 151), precisa ser mais investigado, pois essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem ao se manifestarem nas formas linguísticas. As escolhas gramaticais do discurso de outrem são baseadas na sociedade, apenas os “elementos de apreensão ativa, apreciativa, da enunciação de outrem que são socialmente pertinentes e constantes e que, por consequência, têm seu fundamento na existência econômica de uma comunidade linguística dada” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p. 152).

Para esse autor russo, aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, mas um ser cheio de palavras interiores, ou seja, “a palavra vai à palavra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p. 154). Para efetivar esse processo, ele expõe duas operações: a réplica interior e o comentário efetivo, estes são organicamente ligados na unidade da apreensão ativa e não são isoláveis. Esse autor afirma que essas duas operações de apreensão se realizam no discurso citado que engloba o contexto narrativo. Estes se fundem por meio de relações dinâmicas, complexas e tensas.

Nesses termos, o autor critica o caráter estático das pesquisas nessa área e enfatiza que o erro de muitos pesquisadores é ter separado do discurso de outrem o contexto narrativo, pois tanto as formas de apreensão quanto de verbalização do discurso do outro são construídas em meio a tendências sociais estáveis, segundo formas padronizadas para sua introdução, o que insinua ser a avaliação de sua adequação e sua valoração estética são essencialmente sociais. Esse teórico marca duas grandes tendências em relação à introdução do discurso citado: ou há o isolamento do discurso citado, para marcar sua autonomia, ou há integração desse discurso, de modo que a voz do autor se confunde com a do que é citado. Essas tendências são fruto das práticas sociais: há práticas em que se valoriza, em relação a esse recurso, *o que é dito e não como se diz*. “Noutros termos, há práticas discursivas em que, do ponto de vista da adequação no uso e da valoração estética, mais importante do que anunciar que um outro diz o que se retoma, valoriza-se o que o outro diz, sem que sua enunciação por outrem seja tematizada” (MATÊNCIO, 2005, p. 2-3).

Acreditamos que o eixo principal, nessa questão, é a dinâmica da interação entre o discurso de outrem e o contexto

no qual ele aparece, para compreender as posições dos sujeitos, que podem ser aliados ideologicamente, adversários, portadores de verdade, de erro, etc. A análise da tensão entre contexto introdutor da citação e formas de *representação de outro discurso* vai além de uma classificação da citação com base em critérios tipográficos e linguísticos (CUNHA, 2002, p. 169, grifo da autora).

Nas pesquisas linguísticas, o discurso de outrem é bastante atual e há uma variedade de objetos, de questionamentos e de abordagens teóricas dentro da literatura linguística sob diversos nomes: *“discurso citado, heterogeneidade mostrada e constitutiva, interdiscurso, polifonia, intertextualidade manifesta e a intertextualidade constitutiva, dialogismo mostrado e constitutivo”*, cada um implicando algum viés específico (cf. CUNHA, 2004). Não temos a intenção de aprofundar esses conceitos, mas apenas destacar alguns pontos específicos já que causam dúvidas ou confundem suas origens.

Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 172), o discurso citado compreende os diversos modos de retomar, no discurso, falas atribuídas a outras instâncias diferentes do locutor; assim o estudo tradicional do discurso direto, indireto e indireto livre parece ser limitado uma vez que compreende também fenômenos linguísticos como as formas híbridas, a colocação entre aspas e o itálico, a modalização por remissão a um outro discurso, as diversas formas de alusão a discursos já-ditos.

Há múltiplas formas de discurso citado, diferentes maneiras de citar o discurso de origem. Esses autores as reagrupam em quatro conjuntos: discurso citado, discurso integrado, discurso narrativizado, discurso evocado (cf. CHARAUDEAU, 1992 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004), podendo ser assim compreendido:

- a. Discurso citado – o discurso de origem é relatado (mais ou menos integralmente e autônomo) em uma construção que o reproduz tal como foi enunciado. Esse tipo de discurso equivale àquele que a gramática tradicional chama de “estilo direto” ou discurso direto.
- b. Discurso integrado – o discurso de origem é relatado quando faz parte de uma construção que o integra parcialmente ao dizer daquele que narra, o que ocasiona uma transformação no enunciado que passa a ser narrado na 3ª pessoa (os pronomes e os tempos verbais). Nesse caso, a gramática tradicional fala de “estilo indireto” e “estilo indireto livre” ou discurso indireto e discurso indireto livre.
- c. Discurso narrativizado – o discurso de origem é reportado de tal forma que se integra completamente ao discurso citante e quase desaparece no dizer de quem reporta. O locutor de origem torna-se agente de um ato de dizer. Nesse caso, o discurso de origem passa por uma transformação morfológica aparecendo, em geral, em forma nominalizada.
- d. Discurso evocado – esse discurso é utilizado para provar ou tornar mais verdadeiro o enunciado do locutor relator. É um tipo de discurso geralmente configurado por uma palavra ou um grupo de palavras entre aspas, travessões ou parênteses, correspondendo a um “Como se diz”, “Como você diz”, “Como ele diz”, ao “é comum”. As citações de máximas e de provérbios são exemplos de discurso evocado, pois fazem alusão ao saber popular, em que se recorre ao conhecimento de mundo do leitor para o entendimento da citação.

Para Bakhtin, todo discurso é um processo heterogêneo (conjunção de discursos entre eu e o outro), por isso não é uma obra fechada e acabada de apenas um indivíduo. “Nossas palavras não são ‘nossas’ apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam” (TEZZA, 1988, p. 55).

Inspirada pelos princípios bakhtinianos, Authier-Revuz (1990) elaborou uma distinção entre *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade constitutiva* e propõe uma descrição da heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso. Assim, discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas servem para mostrar o lugar do outro de forma unívoca.

De acordo com Authier-Revuz (1990, p. 32), “heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação num discurso, de sua constituição”. São as formas não marcadas onde o outro é dado a reconhecer sem marcação unívoca, como o discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação etc. Quanto à heterogeneidade constitutiva, esta é inerente à linguagem, pois todo discurso se constrói a partir de outros sobre o mesmo tema, sendo, assim, constituído por diversas vozes não mostradas explicitamente no texto.

Outro ponto que merece ressaltar é o conceito de polifonia. A palavra “polifonia” foi cedida da arte musical e é entendida como “o efeito obtido pela sobreposição de várias linhas melódicas independentes, mas harmonicamente relacionadas. Bakhtin emprega-a ao analisar a obra de Dostoiévski, considerada



por ele como um novo gênero romanesco – o romance polifônico” (TEZZA, 1988, p. 90). Revela-se, dessa forma, que o discurso é perpassado por outros discursos compondo as várias linhas melódicas.



Bezerra (2005, p 191), no texto “Polifonia”, aponta duas modalidades do romance contidas nos estudos de Bakhtin: monológico e o polifônico. “À categoria do monológico estão associados os conceitos de monologismo, autoritarismo, acabamento; à categoria de polifônico, os conceitos de realidade em formação, inconclusibilidade, não acabamento, dialogismo, polifonia”.

Bezerra (2005) afirma que, para a representação literária, a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência. No enfoque polifônico, a autoconsciência da personagem é o traço dominante na construção de sua imagem, e isso pressupõe uma posição radicalmente nova do autor na representação da personagem. A respeito de polifonia, o autor assegura que a polifonia é caracterizada

pela posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável. Trata-se de uma mudança radical da posição do autor em relação às pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades (BEZERRA, 2005, p.194).

Outro termo que merece destaque é o discurso reportado, considerado por Cunha (2005) um tema de extrema relevância no uso, no ensino-aprendizagem da língua e da literatura e das Ciências Humanas em geral, uma vez que revela a relação ao discurso do outro e, por conseguinte, ao outro. A autora afirma que discurso reportado (DR) é o termo genérico que engloba as três formas de citação: discursos direto (DD), indireto (DI) e indireto livre (DIL), tradicionalmente apresentado nas gramáticas e livros didáticos, do ensino fundamental à educação superior. Cunha (2004) acrescenta ainda que a retomada é um fenômeno aberto e dinâmico, ligado às múltiplas maneiras como os sujeitos falantes recebem e reorientam a fala alheia. Portanto, inspirada em Bakhtin/Volochínov, Cunha (1992, p. 115) expõe que:

1. não existem formas de discurso reportado, mas esquemas, configurações de retomadas da fala do outro, com tendências para o discurso direto, indireto ou indireto livre;
2. há uma posição especial do locutor ao interagir com o discurso de outrem. No processo de retomada-modificação de um discurso, o locutor se auto-introduz como autor da retomada por meio de descrições, tematizações, etc.;
3. os esquemas são estratégias discursivas elaboradas como uma nova enunciação dialógica.



Ainda, de acordo com Cunha (2004, p. 242), pesquisas apontam que tanto em gêneros primários e secundários há diversos modos de relação à fala de outrem, tais como: “de um lado há a citação, do outro há a paráfrase, retomada não marcada do discurso de outrem que se funde com o discurso próprio”. Apenas apontamos alguns conceitos e/ou termos que, muitas vezes, não colocados lado a lado como similares, no entanto enfatizamos que as sutilezas atenuam as diferenças na maneira de empregá-los ou a incoerência ao usá-lo em uma área que não compreende um ou outro princípio que sustenta uma teoria ou área específica do conhecimento.

Bakhtin/Volochínov (2009) esboça uma orientação sociológica em linguística, para tratar o fenômeno de transmissão da palavra de outrem, delimitando como fronteira o fenômeno social da interação verbal em seu todo, realizada por meio das enunciações. Se for uma orientação, poderemos chamar de método para Ciências Humanas?

## 2 Método ou diretrizes para as Ciências Humanas?

Bakhtin se via como um pensador e não como um cientista, preso à positividade e à modelização formal, mas se colocava fora de uma racionalidade propriamente científica e desenvolvia um pensar mais livre transcendendo as fronteiras de disciplinas e metodologias estabelecidas. Para ele, o mundo não é um objeto calculável com um modelo instrumentalizante de uma análise científica, até o fim de sua vida, deixou muito claro a sua recusa às correntes do pensamento (estruturalismo e formalismo) e a abertura à discussão das ciências humanas como fundamentalmente hermenêuticas.

Faraco (2009) adverte sobre as diversas procura dos textos de Bakhtin (e do Círculo) como um método, aproximam-se deles na expectativa de encontrar um conjunto de procedimentos para a análise literária e para a análise linguística e aponta que, em busca de uma cientificidade, transformam categorias filosóficas em categorias científicas, em categorias de método, em especial a polifonia, o diálogo, a carnavalização. Mesmo os trabalhos de “Voloshinov e Medvedev, comprometidos com o pressuposto de cientificidade do pensamento marxista, dificilmente podem ser lidos como contendo recortes de ‘objetos calculáveis’ e formalizações de proposições de método” (p. 39).

Os textos do Círculo de Bakhtin, em nenhum momento, apresentam uma formalização de método científico, porém diretrizes para conhecermos melhor o objeto estudado<sup>1</sup>; desse modo, o fazer científico nas ciências humanas é materializado por gestos interpretativos, por continua atribuição de sentidos. No seu texto “Metodologia das ciências humanas”, parece que o pensamento desse filósofo sobre ciências humanas foi inspirado na leitura dos textos do alemão Dilthey (1833-1911) que recusava a concepção positivista que pretendia reduzir as ciências humanas e sociais às ciências naturais, no entanto Bakhtin critica o psicologismo inerente ao raciocínio de Dilthey ao mostrar como ele constituía um sistema em que o psiquismo tem primazia sobre o universo da cultura, sem considerar a dimensão social. Para Bakhtin (2010, p. 395), a consciência individual é construída pela interação verbal e o universo da cultura tem primazia sobre o



psiquismo. O objeto das ciências humanas é o “ser expressivo e falante”, ou seja, o objeto da pesquisa é objeto falado, é o próprio texto fazendo um duplo movimento: como resposta ao já dito e também sob o condicionamento da resposta ainda não dita, mas solicitada e prevista, assim o objeto também é falante a explicar e compreender.

Bakhtin diferencia o que ele vê entre as ciências com relação ao objeto. Nas ciências naturais, uma relação monológica porque o objeto é mudo; nas ciências humanas<sup>2</sup> (ciências do espírito), uma relação dialógica porque o objeto é um texto. Nas ciências naturais, o sujeito contempla e fala sobre uma coisa muda; nas ciências humanas, há pelo menos dois sujeitos sociais e historicamente localizado, o que analisa e o analisado. Desse modo, no dizer desse filósofo, as ciências humanas se debruçam sobre a significação e trabalham com a compreensão e não apenas com a explicação. (cf. BAKHTIN, 2010; AMORIM, 2004, 2009; FARACO, 2009). “A compreensão como visão de sentido, não uma visão fenomênica e sim uma visão do sentido vivo da vivência na expressão, uma visão do fenômeno internamente compreendido, por assim dizer, autocompreendido” (BAKHTIN, 2010, p. 396).

Nesse conjunto de diferenciações entre ciências naturais e humanas, o que nos importa entender sobre o dizer de Bakhtin sobre ciências humanas é a capacidade de não fundir em um só os dois sujeitos (o pesquisador e o pesquisado), não refrear a alteridade daquilo que é outro sem transformar em qualquer coisa que é para si. “Compreender<sup>3</sup> não deve excluir a possibilidade de uma modificação de seu próprio ponto de vista. O ato de compreensão supõe um combate onde o que está em jogo reside numa modificação e num enriquecimento recíprocos” (Bakhtin, 2010, p. 249). Dessa maneira, não existe sentido anterior ou último, segundo esse filósofo, há progressão dialógica que parte do texto e daquilo que existe nos contextos passados a chegar a frente, o começo de um contexto futuro, assim um contexto inacabado sem limitação para o contexto dialógico de um texto. “Isto confere às ciências humanas um caráter provisório e plural que deverá se defrontar com o imperativo da explicação e da formulação de leis tendendo ao universal” (AMORIM, 2004, p. 193).

A respeito desse aspecto, AMORIM (2004) discute com ênfase essa concepção bahktiniana das ciências humanas como espaço de tensão dialógica, afirma que um texto só pode se dizer através de um outro e a cada vez que é lido um novo sentido é declarado e acresce ao dizer de Bakhtin:

A reinterpretção e a releitura são a marca dessas ciências. Este é aliás o destino de toda grande obra nesse campo e nisso consiste a maior parte da atividade do pesquisador em ciências humanas: reler e reescrever. Ou se relê textos teóricos, ou se reinterpreta textos recolhidos em campo. Basta ver os diferentes resultados interpretativos que têm por objeto uma mesma cultura. (AMORIM, 2004, p. 194)

Se pensarmos a aprendizagem dos gêneros científicos com relação ao uso informal de algumas expressões, por exemplo, o suposto erro poderia ter várias significações, vários sentidos. Numa pesquisa chomskiana, a competência das estruturas seriam estudadas e generalizadas; num contexto sociolinguístico, seria observado o uso de uma variação linguística e o preconceito estabelecido entre as esferas de uso; em uma interpretação sociológica, poderia ser interpretada como uma resistência cultural às normas cultas. É assim, se mudarmos o olhar teórico, poderíamos ter outras interpretações, como disse Saussure (1975) o ponto de vista que define o objeto. É justamente isso que Bakhtin discute a bipolaridade entre a explicação e a interpretação, entre o conceito e o sentido, o reproduzível e o irreproduzível, o lógico e o dialógico (cf. BAKHTIN, 1981; AMORIM, 2004).<sup>4</sup>

Amorim (2004, p. 195-196) acresce a proximidade de um polo ou de outro, a tentativa de supressão de um ou de outro, o desafio de encontrar um equilíbrio entre os dois, na vasta heterogeneidade de textos. Polos opostos que não se excluem e se devem confrontar no interior de um mesmo trabalho. Nesse jogo de tensões, sustentar a diferença, a exotopia e a bivocalidade num movimento que deve inscrever o outro em nosso universo de questões, mas sem reduzi-lo para que se possa sempre ouvir a sua voz, o que a autora define como “uma abordagem polifônica das ciências humanas.” (op. cit., p. 198). A alteridade do objeto torna-se interlocução e funda assim a especificidade do discurso das ciências humanas. Nesse sentido, a autora propõe uma dupla inversão.

Inversão dupla operada pelo texto de pesquisa em relação à situação enunciativa de campo: o outro ao qual o texto se dirige é um *ele* e o outro de que fala é um *tu*. Se a voz do objeto é real posto que fala no texto, a enunciação que dispõe o objeto como *tu* e o destinatário como *ele* só existe como funcionamento textual. É preciso não confundir a composição enunciativa do texto com a enunciação real que se deu na situação de campo. Na enunciação real, o outro era o *tu* ao qual se dirigia o pesquisador e que tomava a palavra tornando-se um *eu*. No texto, o outro está necessariamente no lugar do objeto, logo do *ele*. Que sua voz faça no texto o papel de um *tu* que interfere na palavra do autor obrigando-o a lhe responder, não restitui magicamente a co-presença do outro. (AMORIM, op. cit., p. 198-199)

Desse modo, o leitor estará no lugar do *tu*, tomará a palavra e dará um sentido a ela com suas próprias palavras que é exterior e posterior ao texto. “A dupla inversão do texto de pesquisa em ciências humanas designa, pois, uma enunciação segunda e composicional.” (op. cit., p. 199) Do mesmo jeito, de acordo com a autora, o *eu* ao aparecer no texto é condição segunda, é reveladora a apresentação sob forma de um *nós* ou de *se*. Enquanto locutor (*nós ou se*), será marcado pela particularidade e parcialidade do ponto de vista e das questões que ele propõe. Embora a impressão seja de generalização para conceptualizar ou formular princípios de sistematização, é uma voz presente no texto. Falar como um *eu* no texto científico passa-se a ideia de uma cumplicidade muda e sem objeção ao vivido por alguém. Renunciar a pretensão de que o se produz um enunciado onde ninguém fala é desprezar a concepção de inacabamento do texto. Parece-nos, ser

esse um dos desafios para o ensino dos gêneros científicos, como ser aceito num universo culturalmente formado de normas e princípios, mas com a clareza do meu posicionamento diante dos vários outros, das relações estabelecidas entre o objeto, entre o sujeito e o objeto, entre os sujeitos que participam antes, durante e após o meu texto. Resumidamente, Amorim (op. cit, p. 202) apresenta duas proposições de esboço para uma abordagem polifônica das ciências humanas:

- A dupla inversão como dispositivo textual de base que dispõe os papéis enunciativos mínimos de um acontecimento cuja resultante é imprevisível;
- O carnaval como variante-limite da abordagem polifônica – sua impossibilidade no texto científico e sua função pré ou pós-teórica da desarrumação e renovação da pesquisa.

Assim, ela acrescenta que a análise é voltada para o objeto e não busca a subjetividade do pesquisador, e afirma dois princípios de trabalho (op. cit., p. 207): “1. A recusa de um subjetivismo relativista onde o objeto seria inteiramente reduzido ao modo como dele se fala; 2. A recusa da ilusão positivista ou do pressuposto fenomenológico de que é possível falar das coisas ‘tal com elas são’”.

O objeto das ciências humanas/sociais existe independente de mim, antes e depois de mim, ele é o próprio discurso, em suas variadas fases, seja de construção, de recolhimento ou de transmissão. A problematização dos contextos de interpretação, distantes ou não, se fundamenta em uma renovação interminável dos sentidos em todos os contextos novos que podem ser investigados em dois tempos: “o pequeno tempo - a atualidade, o passado imediato e o futuro previsível – ou o grande tempo – o diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (BAKHTIN, 2010, p. 409).

No dizer de Bakhtin, podemos pensar como responsabilidade do pesquisador a unidade entre teoria, ética e estética; um agir do sujeito consciente de sua responsabilidade de sujeito humano que responde a sociedade pelos seus atos, numa “interrelação entre o mítico (*mythos*) – que é coesivo, mas repetitivo -, o prático (*métis*) – que é vivo, mas contingente – e o teórico (*logos*), que é somativo, mas pode distanciar-se do aqui e agora” (SOBRAL, 2005, p. 118).

Numa postura bakhtiniana, equivale a definir como percebemos essas relações entre os aspectos generalizáveis e os aspectos particulares do objeto estudado, entre as expectativas do pesquisador e a realidade do objeto num plano ético. A escrita, nesse sentido, não é mecânica, é construção permanente de discursos sociais e históricos do ser no mundo do sujeito pesquisador que apresenta uma avaliação responsável de suas ações nas coerções de suas relações sociais.

Quando pensamos no ensino dos gêneros científicos, essas questões sobre as relações com o objeto e os outros que fazem parte do texto são inquietações legítimas. Apontamos também uma necessidade de se refletir nessa relação que se dá no processo pedagógico para a compreensão do próprio gênero, do conhecimento do objeto, das convenções acadêmicas, da interação com o docente e



os discentes. Essas relações estão ligadas diretamente ao processo de leitura e escrita, em uma competência que se dá pelo processo de compreender e avaliar. Bakhtin afirma que não há compreensão sem avaliação. O sujeito da compreensão enfoca a obra com um conceito de mundo já formado que define as avaliações, no entanto esse sujeito não pode descartar a possibilidade de mudança e até de renúncia aos pontos de vista já deliberados. Nesse aspecto, acreditamos que o papel do docente como um outro é fundamental para o ato criativo da construção do gênero acadêmico, conseqüentemente das Ciências Humanas, que pode ter como resultado um enriquecimento na compreensão da palavra alheia. O aprofundamento da compreensão torna a palavra do outro mais pessoal, porém sem mesclá-la, capacidade de identificar e encontrar com o outro desconhecido, com o novo.

Conforme Bakhtin/Volochinov (1929/2009, p. 106), “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” que não é fixo nem é uma situação isolada, mas algo a se precisar. A palavra assume um sentido em cada contexto, fato que mostra o caráter polissêmico e plurivalente que ela comporta pela natureza dialógica da linguagem. Para esse autor, são tantas as significações quantos forem os contextos, que não estão prontos, mas sempre em situação de interação (cf. ALMEIDA; SANTOS, 2010). Para Bakhtin/Volochinov (1929/2009, p. 41), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.”

Essa discussão sobre as diretrizes sociológicas para as Ciências Humanas não se esgota nessas reflexões, pois outras temáticas podem ser retomadas para melhor esclarecimento, como por exemplo, a exotopia e a cronotopia. Para Goethe (BAKHTIN, 2010), tempo e espaço são indissolúveis e concretos, ou seja, um aspecto geográfico corresponde a um acontecimento histórico, portanto o tempo é histórico e a imagem do homem em formação. A atualidade, para ele, se manifesta como uma essencial diversidade de tempos, tanto na natureza como na vida humana, o presente é como remanescentes ou relíquias dos diferentes graus e formações do passado e como embriões de um futuro mais ou menos distante. Bakhtin, então, nomeou por meio de um neologismo: “cronotopo, uma categoria em que tempo e espaço são construídos na composição da obra literária como texto de cultura (...) Cronotopo é uma forma de compreensão da experiência”, (MACHADO, 2010, p. 211-212) quase como uma metáfora da noção de tempo nos campos da física e da biologia.

Se há diferenciações entre o conceito de cronotopo e o de exotopia não constitui uma contradição. Ao apresentar seu ponto de vista sobre o lugar do autor e da obra no grande tempo, destacamos duas questões a esse respeito em passagens distintas elaboradas por Bakhtin. Primeiro, Na grande temporalidade, as vozes nos gêneros continuarão a ecoar entre nós e para além de nós:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles



sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2010, p. 410).

Em segundo lugar, o tempo que representa é diferente do tempo representado, o que é comum em textos científicos que podem ser autobiográficos ou fruto de pesquisa-ação. Para Bakhtin (1978), mesmo as autobiografias, ou as confissões mais autênticas, estariam fora do mundo, seriam representadas, porque seria imagem do criador. O russo acrescenta ainda que por mais verdadeiro seja o mundo representado, ele não poderá ser idêntico ao mundo real, do ponto de vista espaço-temporal, o que se cria é sempre imagem do autor-criador. Essa discussão merece ser destacada em uma comunicação exclusiva, quem sabe a nossa próxima discussão.

Concluindo, acreditamos que as diretrizes traçadas pelo grupo bakhtiniano nos apresentam o caminho de se pensar não apenas as categorias filosóficas - já discutidas por vários autores -, mas sobretudo, categorias de um método para ciências humanas, que podem representar uma maneira de ser visto o discurso de outrem com mais ética ao ser citado no texto ou objeto de pesquisa do investigador, uma compreensão das fronteiras da interação verbal.

## Notas

<sup>1</sup> Ver a 3ª parte do texto de **Marxismo e Filosofia da Linguagem** e o 5º capítulo de **Problemas da poética de Dostoievski**.

<sup>2</sup> Amorim (2004) adverte que o fato de ter o homem como objeto não define as ciências humanas. Essa concepção perde a validade nas abordagens que supõem uma continuidade entre natureza e cultura. O que não impede que o homem seja estudado por abordagens cognitivistas ou etológicas, visões opostas de Bakhtin em que o estudo do homem é não natural e o acesso da cultura é descontínuo.

<sup>3</sup> Bakhtin usa compreender e interpretar como equivalentes.

<sup>4</sup> Amorim (2004) apresenta essa questão a respeito desses pares de oposição e dos pares sobre teoria do signo contidos em **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. A autora levanta uma possibilidade que Bakhtin poderia ter formulado uma teoria dialética das ciências humanas e deixa a pergunta se não o fez por tempo ou por escolha.

---

## Referências

---

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa editora, 2004.

\_\_\_\_\_. Cronotopia e exotopia. In.: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2006, p. 95-114.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas-SP: UNICAMP, IEL, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaiévitch). [1929]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. Formes du temps et du chronotope. In.: BAKHTIN, **Esthétique et théorie du roman**. Paris: Gallimard, 1978.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. por M. E. Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (1953).

\_\_\_\_\_. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In.: Bakhtin, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. pp. 225-260.

\_\_\_\_\_. Metodologia das ciências humanas. In.: Bakhtin, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. pp. 393-410.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave** São Paulo: Contexto, 2005. p.191 – 200

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Uma leitura da abordagem bakhtiniana do discurso reportado. In: **Investigações -Linguística e Teoria Literária**, Recife: UFPE, v. 2, p. 105-117. 1992.

\_\_\_\_\_. Bakhtin e a linguística atual: interlocuções. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. 2. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2005. p. 287-294.

\_\_\_\_\_. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 166-179.

\_\_\_\_\_. O discurso de outrem nos estudos da linguagem pós-bakhtinianos. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE BAKHTIN, 11., 2003, Curitiba. Anais... Curitiba: [s.n.], 2004. p. 239-243.

MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In.: PAULA, Luciene de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras. 2010, p. 203-234.



MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. O recurso ao discurso do outro em textos de alunos de Letras. **Revista Intercâmbio**. v. 14. 2005. p. 1-10. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/3934/2584>>. Acesso em 20 de maio de 2011.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 1975.

SOBRAL, Adail. Ética e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In.: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2005, p. 103-122.

TEZZA, Cristovão. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. In: FARACO *et al.* **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988. p. 55-93.

---

### Para citar este artigo

---

SANTOS, Eliete Correia dos, ALMEIDA, Maria de Fátima. Diretrizes bakhtinianas para o método sociológico em ciências humanas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 77-92.

---

### As Autoras

---

**Eliete Correia dos Santos** é doutoranda em Linguística pelo PROLING/UFPB. Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG. Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru. Atualmente é professora assistente da Universidade Estadual da Paraíba - do curso de Arquivologia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: transposição didática, redação, jornal, transposição didática; jornalismo; parênteses e planejamento de campanha. No momento, seu objeto de dedicação e estudo é a produção escrita dos gêneros acadêmicos. Membro do grupo de pesquisa Arquivologia e Sociedade e do Grupo de Estudos em Arquivologia e Sociedade GEAAS, linha de pesquisa Linguagem e Arquivística. Também é membro do Grupo de Pesquisas em Linguística Enunciativa e Sócio-Interacional - GPLEI, atuando na linha Discurso e Sociedade.

**Maria de Fátima Almeida** possui graduação em Letras (1979), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais (1983), Mestrado Em Letras (1988) pela Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). É professora adjunta IV do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e participa do Programa de Linguística / PROLING atuando na área de Teoria Lingüística, Linguagem e Ensino, principalmente no campo da: linguagem, enunciação, interação e discurso. É líder do Grupo de Estudos em Linguagem, Enunciação e Interação /GPLEI. Atualmente realiza um Estágio Pós Doutoral na

Universidade de Brasília sob a orientação da Professora Doutora Stella Maris Bortoni\_Ricardo. Participa do projeto PONTES desenvolvendo pesquisas na área de formação docente na concepção dialógica da linguagem.